

RelevO

ago/2019, n.12, a.9 • Periódico literário
independente feito em Curitiba-PR
desde set/2010 • ISSN 2525-2704

Refugee boy

Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de

romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou pelo contato@jornalrelevo.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos:

nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de autoria de Beatriz Cajé. Você pode conferir mais do trabalho dela em www.behance.net/beatrizcajed5ed.

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Robson Vilalba
Revisão: Ramiro Canetta
Projeto gráfico: Marcell Mengarda
Infografia: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 29/07/2019

Agosto/2019

Disso de dinheiro

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 160 Alvaro Fonseca Duarte; R\$ 100 Roger Pereira; Rafael Cavalcanti Santos; Edson Braz da Silva; Marcílio Borba Guedes; R\$ 95 Jorge Vicente; R\$ 75 José Vecchi de Carvalho; Zaclis Veiga; Fabiano Favretto; R\$ 60 Victor Cruz e Silva; Morgana Rech; Victor Simião; Eduardo Roemers; Suzie Franco; Marco Antonio Serafim; Darwin Oliveira; Thadeu Peronne; Nayara Brante; Miriam Adelman; Milton Rezende; Annelize Tozetto; João Pedro Teles; Eleazar Venâncio; Ronaldo Duarte; Theo Alves; Ivan Ivanovick; Jandira Zanchi; Carlos Machado; Edevaldo Leal da Costa; Thássio Ferreira; Leandro Rafael Perez; R\$ 50 Tatiana Vasconcelos; Ana Carolina Hommerding; Nathalie Lourenço; Fátima Alveira; Nina Rizzi; José Antônio Cavalcanti; Ana Lúcia Vasconcelos; Líria Porto; Sharon Caleffi; Daniel Kogana; Kamila Oliveira; Patricia Herman; Julianne Veiga; André Galvão; Leandro de Oliveira; Fernando Martins; Gabriel Rachwal; Dinho Lascoski; Julio Filho; Jacqueline Lima Dourado; Samir Gid; Débora Laurito; Iuri de Sá; José Nascimento; Camille David Pintaúde de Oliveira; Marcelo Brum-Lemos; Jurema Barreto de Souza; Mari Quarente; Ester Mendonça; Afonso Castro Gonçalves; Fernando Ramos; Jamille Carvalho; Catharina Oliveira Fernandes; Márcio Abecê; Silvana Schultze; Alline Faria; Marcos Arão Rocha; Mônica Caroline Nespoli; Lorena de Lima; Rafael Gonçalves Gobbo; Cleber Falquete; Dorivaldo Carlos

Vieira da Silva; Tati Michaud; Mayara Blasi; Davi Gabriel Soares; Leila Bortolazzi; R\$ 47 Rener Gustavo da Silva Souza; Tatiana Bicalho; Bianca Azevedo do Prado; Maria F S Elias; Felipe Anibal; Rafael Santos Pereira; R\$ 30 Elizabete Berberi; R\$ 25 Davi Cartes Alves; R\$ 20 Fábio Duval; Diego Gomes Morais; Lucas Jensen TOTAL: R\$ 4.947

ANUNCIANTES:

R\$ 200 Casa Projetos Literários; William Soares; R\$ 120 Felipe Harmata; R\$ 100 Editora Penalux; R\$ 50 Livraria Joaquim; FISK; Kikos Bar; Banca Tatuí; R\$ 30 O Alienígena; Sebo Edipoeira TOTAL: R\$ 880

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.248
Escritório: R\$ 390
Entregadora: R\$ 50
Capista: R\$ 50
Embaladora: R\$ 50
Editor-executivo: R\$ 1000
Editor-assistente: R\$ 100
Mídias sociais: R\$ 350
Diagramação: R\$ 100
Infografia: R\$ 70

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 500
Embalagem: R\$ 285
Correios: R\$ 1.784

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 25

(+) Entradas totais: R\$ 5.827

(-) Saídas totais: R\$ 6.002

(=) **Resultado operacional: - R\$ 175**

Conselho Editorial

Alexandre Guarnieri
Ben-Hur Demeneck
Bruno Meirinho
Carla Dias
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Enilda Pacheco
Felipe Harmata
Gisele Barão
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

Dos leitores

PEDRAS FILOSOFAIS

Suelen Rubira Gente, eu vou mandar a real pra vocês: não consegui, nas edições recebidas, sacar qual é a vibe do jornal.

Diogo França Porciuncula “Qualquer coisa, a culpa é do revisor”, nos diria o **RelevO**. Desde 2010, o jornal publica textos literários diversos — poesias, crônicas, artigos entre outros, dicas de leitura, entre outras coisas. Além disso, conta com a carta e as opiniões dos leitores — a gente sabe que isso é marca registrada num jornal, não é? Semana passada recebi a edição de junho de 2019 e, enquanto lia, dei boas risadas. A edição trouxe textos bem sarcásticos e muito bem humorados, um deles, por exemplo, é uma crônica que nos conta sobre uma mulher no trânsito sendo perseguida pela polícia enquanto captura Pokémon. Já imaginou?

Henrique Pitt Correndo o risco da inimizade, não vou perder a oportunidade de falar: estivemos conversando, eu e meu irmão, assinantes, que também conversou com outalguém, sobre as qualidades textuais do jornal. Coincidimos que, no nosso ver, o **RelevO** já não é mais o mesmo... e olha que ele é assinante mais recente, e puxou o assunto da queda da qualidade do conteúdo. Enfim, achamos que se perdeu alguma coisa no caminho... (particularmente, tenho passado pelos textos sem me prender a nenhum; o último, inclusive, nem foi aberto aqui em casa — e somos dois leitores; tá certo que o tempo anda muito escasso, mas, se rola aquele tesão de ler, encontra-se uma manhã de domingo para isso...). Enfim, sei que pode não condizer com a opinião geral dos assinantes, e fica apenas o registro, afim de participar de uma vida ainda mais duradoura do jornal.

Cátia Moraes Dou a maior força, mas não me encontrei como leitora do **RelevO**. Boa sorte. Abraços a todos!

Amanda Camargo Ando com saudades de mais poesias no jornal (desabafo).

Guilherme Garrido Dou o **RelevO** de presente. Quase sempre. Às vezes tenho ciúmes de algumas edições e as guardo na gaveta. Pra mim, é viável e egoísta: dou de presente um jornal que não me custa quase nada (apenas tempo — recurso finito e não reciclável). Dou de presente para amigos, conhecidos e não conhecidos. Esses dias, na fila do banco, uma senhora me perguntou do que se tratava. Logo eu disse: jornal de ideias. Entreguei o exemplar e, depois, com

a cara afundada no celular, ouvi o farfalhar das páginas. Ela tinha usado pra embalar uma estatueta de vidro. Obrigada, **RelevO**, pelas experiências de leitura e de vivência.

Janderson Silva Recebi o jornal nesta manhã e fiquei bem contente com o que encontrei. Um gestual que resiste pela via do conjunto e nos convida a descobrir o que tem lá, o que emerge das páginas. Além disso, tal como o singelo *user* aqui, busca retomar um hábito antes relegado que compreendido por seu fundamento: ler, ato mais do que necessário, sobretudo em nossos tempos.

Metade Cheio O pessoal do jornal nos descobriu há um tempo e, desde então, envia periodicamente pra gente suas publicações literárias sem custo e lindonas. Hoje resolvemos registrar esse mimo e dizer que a edição de julho tá na mão — aqui você pode esboçar um sorriso ao ler o seu.

Linaldo Guedes Registro: recebi ontem o exemplar de julho do jornal literário **RelevO**, tão bem editado por Daniel Zanella e que tem em seu corpo editorial nomes como Alexandre Guarnieri, Bruno Meirinho, Carla Dias e Whisner Fraga. Sim, sou um dos mais novos assinantes do jornal e com muito orgulho. Já conhecia o jornal pela repercussão na net, mas precisava conhecê-lo pessoalmente. Esta edição tem entrevista com o Ignácio de Loyola Brandão e texto de Sebastião Nunes, entre outros. Se você gosta realmente de literatura, assine também.

Fernando Ramos Acabo de comprar uma assinatura anual do jornal e estou bastante satisfeito. Custa apenas 50 reais por ano e inclui as 12 edições, uma por mês, já com o custo da entrega dentro desse preço. É um dos melhores periódicos especializados em nossas letras.

Luiz Sassi Esse jornal é companheiro nessas férias.

Alberto Nunes Continuo não entendendo a razão de adquirir a assinatura de um jornal que tem de graça em um monte de lugar. *Da redação: Alberto, quem nos assina diretamente recebe o jornal em casa e não precisa buscá-lo em local algum. Ademais, é o assinante que financia toda a nossa operação e faz o Jornal chegar "em um monte de lugar". Não é tão difícil entender.*

Rafael Santos Pereira Vou passar rapidinho aqui só pra mostrar a vocês esse amor de jornal que assinei esse mês. O **RelevO** é um periódico mensal todo

voltado para uma escrita mais despojada e livre, misturando poesias, artigos, resenhas e ensaios. São vários tipos de assuntos e estilos. Gostei bastante do jeito alternativo que a publicação é feita.

PORTUCALE

Isabel Miguel Fico a aguardar: o dia em que chega o **RelevO** é o meu dia mais feliz no trabalho.

Nano Richardi Gostei muito do material. Por aqui, Caxias do Sul-RS, apareceram alguns exemplares na livraria Do Arco da Velha. Parabéns!

CAPA DO ALEZ

Mila Cassins Não sei quem fez a capa, mas quero que faça a capa do meu próximo livro.

Maya Falks Guerra dos Mundos? A ilustração está magnífica!

Elieder Corrêa da Silva Por que capa tão trágica?

Bruno Candéas Perturbadora.

Ráisa Boing Capa espetacular.

Mateus Senna Super Stranger Things Segunda Guerra Mundial.

Marcílio B. Guedes Capa bonita da porra.

Editorial

Agosto de 2019 é a última edição do ano 9 do **RelevO**. Ou seja, estamos prestes a completar nossa primeira década de existência. Não que tenhamos esquecido nossas pequenas efemérides ao longo desse tempo todo. Até somos bem circulares em relação às nossas obsessões editoriais. Quem nos acompanha conhece bem o rosário de lamentações. Acontece que logo será o início de nosso décimo ano de existência e isso nos assusta e nos precipita em determinadas medidas.

Primeiramente, o que dura, em nossos tempos, dez anos de modo ininterrupto? Um amor da adolescência que se flagela no primeiro filho? Três governos e meio? O tempo da seleção argentina de futebol sem títulos?

Se ainda não chegamos ao tempo de duração e à extensão, por exemplo, de um império napoleônico, apesar de o jornal chegar em Portugal, é apenas questão de ponto de vista. Vivemos um tempo estranho, dissociado da realidade objetiva, ainda mais quando lembramos que nós mesmos, em agosto de 2019, editamos um jornal de papel. Cinco pessoas da equipe interna + os conselheiros editoriais + ilustradores + escritores de cada edição envolvidos em uma operação que, tranquilamente, poderia se passar na saída de uma indústria inglesa em greve em meados do século 19. No Instagram, alguns leitores se referem ao nosso trabalho como experiência offline.

Em quase dez anos, temos, de fato, pouco a reclamar. O jornal cresceu em alcance, em assinantes, em anunciantes, em credibilidade, em repetições e maneirismos. O editor até ameaça sobreviver disso. Seguimos com determinadas práticas pitorescas, como a abertura de contas, de logística e ombudsmanato, ao mesmo tempo que fomos afastando graus mais extremos de amadorismo, amadorismo que ainda transborda, às vezes de modo vexatório, às vezes como ferramenta de proximidade de nosso público (acreditamos mesmo nisso).

Enfim, estamos próximos da abertura do nosso ano 10 de publicação. Vemos isso em nossas marcas faciais e nas cartas dos leitores. São bons anos. Aliás, uma boa leitura a todos.

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

Pará	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Belém	
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
Maranhão	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
São Luis	
Ceará	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leônidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Cambao de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura
Fortaleza	
S. G. do Amarante	Biblioteca Comunitária Literateca
Pernambuco	
Recife	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Perú
Olinda	Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
Bahia	
Salvador	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Afonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Minas Gerais	
Belo Horizonte	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Betim	Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachalioteca
Rio de Janeiro	
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANNS Espaço Literário Balão de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof. Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Tema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmo Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Pcaideiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
Rio Grande do Sul	
Porto Alegre	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Anvedo Biblioteca Comunitária Ceprimoteca Biblioteca Comunitária Chocolate Biblioteca Comunitária Cilandar Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Dist. Federal	
Brasília	Biblioteca Escolar e Comunitária da EOS 108/308

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Onde posso encontrar um Jornal Relevo para esboçar um sorriso enquanto leio?

ACRE

Rio Branco Livraria N&S / Livraria Paim

ALAGOAS

Maceió Casa de Cultura Luso-Brasileira

AMAZONAS

Manaus

Kalena Café
O Alienigena Acervo e Espaço Cultural / Sebo Edipoeira

BAHIA

Salvador

Livraria Boto-Cor-de-Rosa / Midialouca / Livraria LDM (Brotas, Glauber Rocha e Shopping Paseo Itaigara)

Lauro de Freitas

Livraria Dom Casmurro

Vitória da Conquista

Livraria LDM

CEARÁ

Fortaleza Livraria Lamarca / Sebo Ellenia / Livraria Arte & Ciência / Livraria Silará

DISTRITO FEDERAL

Brasília

Banca da Conceição / Livraria, Café e Bistrô Sebinho
Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Quantocafé / Martinica Café / Vicalli

CEARÁ

Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT
Jovem de Expressão

ESPÍRITO SANTO

Torre de Papel / Dom Quixote Livraria

Dores do Rio Preto

A Cafeteria

Guarapari

Banca da Lua

São Mateus

Livraria Sebo & Arte

GOIÁS

Goianã

Evoé Café Com Livros / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária

Recife

Café Carino

Anápolis

Café S/A

MARANHÃO

São Luis Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro

MATO GROSSO

Cuiabá

Bazar do Livro Matriz
Metade Cheio

MATO GROSSO DO SUL

Campo Grande Livraria Le Parole

MINAS GERAIS

Belo Horizonte

Armazém do Livro / Livraria Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Ubuntu
Café do Palácio / Café 104
Espaço Guaja

Itajubá

Lume Livraria / Sebo Bis

Pouso Alegre

Sebo São Darwin

PARÁ

Belém

Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos / Sebo do Gueto

Santarém

BPP Sebo & Locadora

PARAÍBA

João Pessoa

A Bulegá Arte Café
Viveiro Pirata / Quintal Armorial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energisa / Centro Cultural Aniano Suassuna

Cajazeiras

Livraria Universitária CZ

PARANÁ

Curitiba

Agendarte Livros / Sebo Releituras / Itban Comic Shop / Joaquim Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Le Mundo Café Terapêutico e Livroteca / Livraria do Chaim / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Barbante / Livraria Vertov

Supernova Coffee Roasters / Rause Café / Café Mibe / Café Lisboa / Café do Viajante / Chelsea Café / Café do MON / Magnólia Café / Pannificadora Quilissândia / Province Boulangerie / Botanique Café Bar Pantas / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Tramisu / Espresso Café / Café do Mercado / Café do Teatro / Kaveh Kanes / Fingen Café / Moto Racer Café

O Torço Bar / Tuboteca / Freguesia do Livro / Centro Europeu / Baba Salim / Kikos Bar / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Selvática Ações Artísticas / SESC da Esquina / Paço da Liberdade

Apucarana

SESC Apucarana

Araucária

Banca da Aracy

Duetto Café

Casa Elisue Voronkoff / FISK

Caiobá

SESC Caiobá

Campo Largo

Barba Camisetas / Inspirarte

Cornélio Procopio

SESC Cornélio Procopio

Foz do Iguaçu

SESC Foz do Iguaçu

Francisco Beltrão

SESC Francisco Beltrão

Guarapuava

Gato Preto Discos e Livros / A Página Livraria

SESC Guarapuava

Ivaiporã

SESC Ivaiporã

Jacarezinho

SESC Jacarezinho

Lapa

Livraria & Papelaria Nanise

Panificadora Zeni

Londrina

Livraria da Sílvia / Nosso Sebo

SESC Londrina (Cadeião e Centro)

Maringá

Café Literário

Medianeira

SESC Medianeira

Pato Branco

Alexandria Livraria e Cafeteria

SESC Pato Branco

Piraquara

Livrarias Nobre Cultura

Ponta Grossa

Verbo Livraria / Sebo Espaço Cultural I e II

Hostel Paraná / Phono Pub / Frederico Cervejas & Cervejas

São José dos Pinhais

Sebo da Visconde

São Mateus do Sul

Vitors & Cia

Umuarama

SESC Umuarama

PERNAMBUCO

Recife

Livraria Praça de Casa Forte / Livraria Idéia Fria

Clandestino Café / Borsoi Café Clube - PINA / Borsoi Café Clube - CALIFORNIA / A Vida É Beta Café / Malakoff Café / Brigadairo Café

Garanhuns

Livraria Casa Café

Olinda

Sebo Casa Azul

Salgueiro

Capabella Sebo

PIAÚ

Teresina

Café da Gota Serena / Café Art Bar

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro

Belle Époque Discos e Livros / Livraria Leonardo da Vinci / Blookers Livraria / Livraria Argumento Leblon / Livraria Argumento Rio Design Bar / Livraria Beco das Letras / Arlequim / Letra Viva Filial / Livraria Berinjela / Livraria e Edições Folha Seca / Banca do André

Café Pingado

Espaço Saracura / Cine Jóia

Cabo Frio

Sebo do Lanati / O Sebo Antigo

Mesquita

Sebolinha Livros e Revistas

Nova Friburgo

Sabor de Leitura

Paraty

Livraria de Paraty

Teatro Espaço / Casa da Cultura de Paraty

Petrópolis

Livraria e Bistrô de Itaipava

Seropédica

Canto Geral Livros e Discos

Três Rios

Livraria Favorita

RIO GRANDE DO NORTE

Natal

Sebo Café

Mossoró

Resebo

Praia da Pipa

Book Shop

RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre

Cirkula / Livraria Bamboletas / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria

Café Cartum

Galeria Hipotética

Bento Gonçalves

Dom Quixote Livraria & Cafeteria

Canela

Empório Canela

Caxias do Sul

Do Arco da Velha Livraria & Café

Dulce Amore Café & Algo Mais

Frederico Westphalen

Vitrola

Santa Maria

Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Anatera Livros

São Francisco de Paula

Miragem Livraria

SANTA CATARINA

Florianópolis

Sebo Ilha das Letras / Livraria Livros & Livros

Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercilio Luz

Tralharía

Balneário Camboriú

Santo Livro Livraria e Bookstore

Café Cultura Balneário Shopping

Blumenau

Livraria Blulivro

Brusque

Livraria Saber

Caçador

Livraria Selva

Criciúma

Café Cultura Nações Shopping / Café Cultura Metropolitan Business Center

Joinville

Barba Ruiva Livros & Discos

Casa 97

Mafra

Restaurante Amora Sustentável

Morro da Fumaça

Livraria Beco Diagonal

São Bento do Sul

Dom Quixote Livros

São José

Sebo Ilha das Letras

Café Cultura Continente Shopping

Tubarão

Libretto Livraria

Café Cultura Farol Shopping

SÃO PAULO

São Paulo

Comix Book Shop / Interméios Casa de Arte e Livros / Livraria Zaccara / UGRA PRESS / Blookers Livraria / Banca Curva / Desculpe A Poeira / Patuscada Bar / Livraria NoveSete / Banca Tatui / Livraria Roteiro / Livraria Simples

A Casa Tombada /

OMBUDSMAN – Robson Vilalba



A culpa é do revisor?

Emanuelle Rosa

As palavras da exata forma colocada pareciam satisfatórias. Releitura. Poderiam ser ainda melhores. A vírgula em outro lugar, inserindo um sinônimo, talvez dois, ou três, quem sabe mais. Poderia ser melhor. Talvez invertendo a ordem, sequência, ou seria cadência? Poderia ser melhor. E acabou sendo. Tal como nos rótulos de produtos alimentícios, bem como nas bulas de remédio, os ingredientes em predominância devem, obrigatoriamente, constar como primeiro nas listas de composição dos produtos. Esse estranho e tortuoso (ou seria abstruso?) prazer pela releitura e reescrita das palavras, figura, certamente, em primeiro lugar na composição básica de um revisor de textos.

Muito se diz sobre o revisor ser, antes de tudo, um leitor. Eu, tal como provavelmente todo revisor, digo que poderia ser melhor. O revisor é, antes de tudo, um leitor, e, depois de tudo, um releitor.

Assim, em 2019, decidi fazer uma pós-graduação em Revisão de Textos. Para além de um natural prazer pela releitura e reescrita das palavras, fazê-los de forma consciente. Esta última frase pode igualmente ser lida da seguinte forma: para além de uma leitora e releitora chata e levemente fastidiosa, uma chata e fastidiosa leitora devidamente certificada.

Lá estando, entre emaranhados de conteúdos, indicações e referências bibliográficas, pude tecer as considerações contidas neste ensaio e

descobrir outras mais. Me considero, então, apta a dizer que, se no meio do caminho de Drummond (2013) tinha uma pedra, entre o revisor e a versão final de uma revisão, tinham várias. Pedras de normas ortográficas e morfológicas, sintático-discursivas, gêneros textuais, além de coesão, coerência, conexão, referenciação e outros — que me parecem infinitos — mecanismos de textualização.

Rubem Alves (2009), ao escrever “Sobre Gramáticos e Revisores”, considerou ser “terrível viver o tempo todo sob a tirania das leis dos gramáticos e sob a tirania do texto do autor a que eles têm de se submeter, sem dar sua contribuição pessoal”. De certa forma, estava certo. Ao menos por aqui — fugindo de generalizações em relação aos revisores —, principalmente quanto a se abster da contribuição pessoal, afinal, são profissionais movidos ao poder ser melhor.

Contudo, apenas estava. Até complementar que “Afinal de contas o revisor não gosta de ser revisor. Ele queria mesmo era ser escritor”. Me parece ego frágil, ou mesmo uma espécie de *autosuperiorização* (veja bem, até para se inventar palavras foi necessário consultar as normas ortográficas. Ao prefixo “auto”, caso seguido de elementos que se iniciem com “s” ou “r”, dispensa-se o hífen e dobra-se a consoante). Além de, nitidamente, não se preocupar em fugir de generalizações, já que, baseando-se em quais fontes, pesquisas e

proporções, se pode afirmar que todos os revisores queriam ser escritores? Qual o quórum necessário para se aprovar, ou a referência bibliográfica para corroborar, que “o” revisor não gosta de ser revisor? Ou será ofício apenas dos revisores se preocuparem com confirmações e validações antes de publicar textos?

Fato é que, caso desconsiderado qualquer juízo de valor (ou seria qualidade?), qualquer um pode ser escritor. Se bom ou ruim (e, novamente, qual seria minha validação além de meramente opiniões, para considerar um texto bom ou ruim?), é outra história. Quanto a ser revisor, independentemente se considerado bom ou ruim, pressupõe-se uma multiplicidade de conhecimentos, desde as “terríveis leis dos gramáticos”, passando pela “tirania do texto do autor a que ele tem de se submeter”, além de outros requisitos básicos e imprescindíveis, como o foco nos detalhes e uma correta identificação do público destinatário do texto.

Sant’Ana e Gonçalves (2010) foram pontuais ao ressaltar que a visibilidade do trabalho dos revisores somente ocorre quando há falhas, visto que, “quando a publicação sai impecável, ninguém se lembra de que o revisor contribui para esse resultado, juntamente com inúmeros profissionais, como editores, copidesques, preparadores textuais, revisores técnicos, diagramadores, ilustradores, entre outros”. Pobres

revisores face a tão condenável imagem social: quando inexatos, expostos; quando exatos, ocultos.

Coincidentemente, durante o processo de produção deste ensaio, em leitura da última edição do **RelevO** (periódico curitibano independente sobre literatura, que mensalmente chega à minha casa envolto em um envelope pardo carimbado com os dizeres “Qualquer coisa, a culpa é do revisor”), me deparei com esta anedota verídica acerca do trabalho dos revisores:

Felipe Gomes

Baixo

No fundo,
gosto
do que me faz mal

Aquilo que machuca
endurece
meu pau

O poema acima, antes de ser publicado na edição de fevereiro de 2019, passou, evidentemente, pelo trabalho de um revisor. Após revisado e publicado, o autor, se deparando com uma produção de sentido distinta da qual pretendia, entrou em contato com a equipe editorial, que, por sua vez, na edição de abril de 2019, publicou o que se segue:

Felipe Gomes

Baixo

No fundo,
gosto
do que me faz mau

Aquilo que machuca
endurece
meu pau

Nota da redação:

Alteramos o poema acima na edição de fevereiro. Onde você lê agora <mau>, revisamos para <mal>. Cagada nossa. Reconhecemos humildemente a falha e republicamos o material original nesta página, cientes de que isso não apaga nossa falha. Agradecemos, ainda, a paciência do autor conosco.

As palavras “*mal*” e “*mau*”, apesar de homófonas (na linguagem popular: possuem o mesmo som), sabidamente possuem funções distintas. Me abstendo da maçante teoria, relembro apenas dos macetes: “*mal*” como contrário de “*bem*” e “*mau*” como contrário de “*bom*”. De tal forma, após a revisão, o escritor que se excitava com o que lhe fazia uma má pessoa sendo o responsável por machucar, passou a se excitar com o que lhe fazia se sentir machucado.

Tal como Rubem Alves previra sobre revisores, “sua concentração nos detalhes é de tal ordem que, por vezes, o sentido do texto, aquilo que o escritor está dizendo, lhes escapa”. Se não isto, o revisor estava apenas munido daquilo que aqui considere como uma ligeira

obsessão pelo “poderia ser melhor”. Eu, particularmente, prefiro a segunda hipótese por ter preferido a versão após a revisão equivocada. Talvez por um melancólico apego à popular imagem do escritor nostálgico sentado no balcão de um bar (da qual o **Relevo**, inclusive, se cansou) ou pelo fato de não me parecer atraente a ideia de mais um homem com excitação condicionada por comportamentos nocivos.

Fato é que tal anedota corrobora a dependência do erro para que haja a visibilidade do revisor. E me faz, ainda, após tantas oposições, concluir este ensaio da mesma forma que Rubem Alves concluiu o dele: “fico a pensar que talvez o poder dos revisores seja maior que o poder dos gramáticos: com uma única palavra, eles podem mudar o mundo ou arruinar um livro...”.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Rubem. **Sobre gramáticos e revisores**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 jan. 2009. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2001200913.htm>. Acesso em 23 maio 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. Carlos Drummond de Andrade; posfácio Eucanaã Ferraz – 1ª. edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SANT’ANA, Rivânia Maria Trotta; GONÇALVES, José Luiz Vila Real. Reflexões acerca das práticas de tradução e revisão de textos e de parâmetros para a formação de tradutores e revisores. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 225-234, 1º sem. 2010. JORNAL RELEVO. Curitiba. Edições de fev. 2019 e abr. 2019. ISSN 2525-2704.



à deriva narra a história de Isabela, paulistana que parte em viagem à Vila de Trindade, Rio de Janeiro, por um fim de semana. Essa jovem bancária está agastada do trabalho estafante, dos conflitos familiares, da falta de apoio das melhores amigas, das dificuldades da vida na cidade grande, mas, também, por mais que não queira admitir, pelo fantasma de um fim de namoro mal resolvido.

Nessa viagem de descanso, ela conhecerá pessoas que, cada uma a seu modo, empreendem buscas.

Caetano cresceu sem conhecer a mãe. No leito de morte, seu pai lhe revela uma pista que pode levá-lo até ela. Sua trilha o conduz à Trindade, onde mora uma antiga amiga de sua mãe, alguém que poderia lhe indicar seu paradeiro.

Bruno, figura misteriosa e sombria, separou-se há pouco, deixando mulher e três filhas. Desde então entrega-se a uma vida desregrada, vivendo de empregos precários. Entretanto, a imagem áspera que procura passar pode esconder uma realidade bem diferente.

Ao tentar fugir de sua realidade na metrópole, Isabela parte rumo a um outro mundo, na aparência mais ensolarado e colorido, porém os dilemas que ela enfrentará podem ser ainda mais terríveis que seu tédio cotidiano.

à deriva é, ao mesmo tempo, uma narrativa elegante e fluida. Escrita numa linguagem literária sofisticada, cheia de belas descrições e diálogos muito bem construídos, conta uma história sensível e delicada.

Mais do que um relato de viagem, *à deriva* pinta um panorama dos jovens adultos urbanos de classe média nascidos na década de 1980: sua precária condição econômica, sua visão de mundo, seus anseios e angústias, a maneira como se relacionam com as gerações mais antigas, mas, sobretudo, o desassossego daqueles a quem muito foi prometido e pouco foi entregue.

Adquira seu exemplar (14x21, 212 p.) pelo email escritorfernandoferrone@gmail.com

www.facebook.com/escritorfernandoferrone

O corpo ardente: memória e fragmentação no cinema de Walter Hugo Khouri

Donny Correia

Em breve, maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio como o primeiro, levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa.

(Marcel Proust, **Em busca do tempo perdido** vol. 1 – No caminho de Swann)

Todos os caminhos da memória levam a uma fábula virtual que

cristaliza o sentido narrativo de uma existência. Tocar os vários fragmentos que compõem a memória esparsa de um personagem — real ou ficcional — significa aceitar o convite para o incerto, o obscuro e árido terreno proustiano de onde nunca se é possível voltar ileso ou isento.

No filme *O corpo ardente*, de 1966, dirigido pelo paulista Walter Hugo Khouri (1929–2003), temos um raro contato com o cinema de fluxo contínuo do pensamento, em que as pontas soltas das lembranças se enredam em meio ao tédio de uma

vida morna e desprovida de sentidos palpáveis. Quem conhece o cinema de Khouri pode até saber onde está pisando, mas também sabe quão movediço é o solo de sua narrativa.

Khouri faria 90 anos em 2019. Sua obra, que um dia já esteve muito em voga, desde os novos movimentos

cinematográficos do final dos anos 1950, até meados dos anos 1990, com a retomada do cinema nacional, hoje parece em estado de hibernação. Há diversos esforços no sentido de resgatar a importância de seu trabalho, que já havia se provado de grande relevância para a história com *Noite vazia* (1964), um exemplo de drama de câmara, protagonizado por dois casais achacados pela distopia. Dois pequenos burgueses e duas prostitutas trancafiados como feras numa garçonnière, uma jaula de onde ninguém sairá sem antes ter exercido e sofrido profundas agressões morais e psicológicas.

O diretor de *Noite vazia*, que introduziu Ingmar Bergman (1918–2007) ao público brasileiro, quando escrevia críticas para o jornal *O Estado de S. Paulo*, assimilou bem as lições do cineasta sueco e sua narratologia sofisticada e exótica para a plateia brasileira. Mas é no cinema de Michelangelo Antonioni (1912–2007) que Khouri encontrou seu mote favorito: a exploração da antiutopia que paira sobre a classe burguesa, território onde as aparências devem ser mantidas a qualquer preço, mesmo que isso signifique abolir qualquer relação

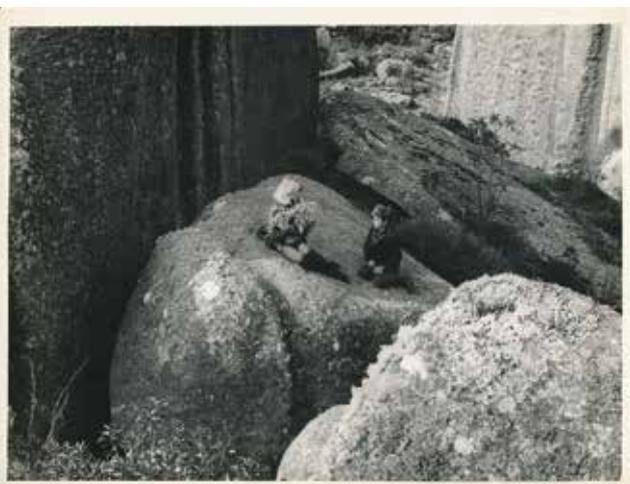
de respeito verdadeiro pelo outro.

Muitas vezes chamado de cineasta alienado e considerado um realizador sem comprometimento com a crítica social do Cinema Novo e com a experimentação das novas estéticas, Khouri nunca se prostrou, já que rebatia tais críticas pedindo a atenção dos colegas para as sutilezas com que criticava, sim, o estado de coisas em seu tempo. Ao analisarmos com lupa o discurso por trás dos roteiros de Khouri, facilmente encontraremos um ácido ataque às convenções que sustentam a hipocrisia e o egoísmo de uma camada da sociedade paulista, herdeira do baronato cafeeiro e da indústria pujante, que comete autofagia entre um brinde e outro.

Um gélido corpo que arde em silêncio

Em *O corpo ardente*, somos apresentados ao universo de uma família de altíssimo padrão composta pela sedutora Márcia (Barbara Laage), seu marido Roberto (Pedro Paulo Hatheyer) e o filho do casal, Robertinho (Wilfred Khouri).

Acervo Família Khouri



Barbara Laage e Wilfred Khouri em cena de *O corpo ardente*

Conhecemos, de imediato, o ambiente em que habitam, quando o filme se abre com uma cena trivial. É noite, Márcia encontra seu filho na sala da mansão e quer que o menino vá para a cama. Robertinho se recusa, porque está empenhado em consertar um projetor de Super-8 dado pelo pai, que ele afirma ser de baixa qualidade. Tal qual um menino mimado, Robertinho impõe sua vontade à mãe e ela lhe dá mais dez minutos de tolerância, antes de obrigá-lo a dormir. O que parece um mero pretexto para introduzir personagens será a espinha dorsal de toda a construção narrativa dali por diante.

Logo, veremos com mais detalhes o que realmente ocorre naquela casa. Há uma festa regada a marasmo dos podres de rico. Enquanto a anfitriã caminha pelos cômodos, entendemos que se trata de uma mulher profundamente abatida pelo tédio de um vazio inominável. Em meio aos convidados estão os dois amantes de Márcia. Seu marido não suspeita, ou finge não se importar, porque também é um adúltero, como saberemos depois. Tudo naquela festa parece artificial. Os convidados, tão enfadados quanto os donos da casa, não se furtam a criticar a qualidade da comida, da bebida e das companhias. As conversas são frívolas e pernósticas. Em dado momento, há uma roda de pessoas discutindo arte moderna, incensando uma tela pintada por um dos convidados, artista de renome.

Na construção dos diálogos, Khouri evidencia que cada termo técnico e conceito estético proferido por seus personagens nada mais são do que um amontoado de jargões e frases de efeito, vazias de sentido. O cineasta parece querer expor a mediocridade do pensamento burguês e antecipa a vulgaridade intelectual dos que conhecemos hoje como “novos-ricos”. Quanto à anfitriã, ela está mais preocupada em flertar com uma das convidadas, lançando olhares misteriosamente excitantes. Nesse ponto, somos capazes de perceber duas instâncias da narrativa de Khouri que correm em paralelo. Uma delas no plano real, associado ao ambiente pouco convidativo, que Márcia tenta aturar, mas sem nenhuma disposição para administrar; e a outra instância, que nos leva para a

subjetividade da personagem central, para o mosaico de suas memórias fragmentárias. A partir da cena do flerte, a continuidade do filme se quebra, e começamos a compreender a dimensão da trama pelos olhos de uma Márcia que tem dentro de si um desejo de fuga e renúncia crispando em chamas.

A simbologia da natureza

Em verdade, o cinema de Khouri nos ensina a compreender os diálogos mudos que se estabelecem a partir do tempo decorrido entre uma e outra demonstração da rasa experiência burguesa nas figuras que protagonizam suas obras. Em *O corpo ardente*, os longos momentos de Márcia perambulando, letárgica, pela imensa moradia e seu olhar contemplativo para a imagem que ilustra o fundo da fonte que enfeita o jardim são solilóquios subliminares que denotam a busca por uma comunhão com algo muito maior. Algo inominável. Por isso, o segundo ato do filme nos leva a um retiro que não é somente uma fuga do pesadelo urbano. Trata-se de uma busca pelo primitivismo da existência.

Márcia retira-se para a casa de campo da família levando apenas seu filho, Robertinho, que, em seu universo lúdico infantil, não tem a menor ideia do que aquele passeio significa. Uma vez isolada, a protagonista pretende apenas se reconectar com boas experiências que talvez tenham ocorrido em seu passado, e o fato de levar Robertinho consigo denota, também, um esforço de regresso ao estado primevo da experiência humana.

Enquanto seu marido encontra-se fora de casa, a trabalho, mas também cuidando da manutenção de seu caso extraconjugal, Márcia leva seu filho para uma caminhada entre as imensas pedras do Parque de Itatiaia, cenário que será usado muitas outras vezes por Khouri, em obras futuras, e que planta aqui a semente de muitas recorrências na poética do diretor, como se fosse uma simbologia universal: o contato entre o ser e a Natureza num processo simbiótico.

Aqui, o real fenômeno da inerência relacional entre o corpo e seu redor

Acervo Família Khouri



Barbara Laage em cena de *O corpo ardente*

apresenta-se como um véu diante do espectador. Lembremos que

[...] é o meu corpo como interposto entre o que está diante de mim e o que está atrás de mim, o meu corpo levantado diante das coisas levantadas, em circuito com o mundo — [...] com o mundo, com as coisas, com os animais, com os outros corpos (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 338).

Os longos e belos planos abertos forjados pela câmera de Khouri nos apresentam a sublime natureza. Sublime no sentido que Argan empregou para justificar a pintura do século 19, aquela que dá ao observador uma amostra de quão pequenos somos diante da vasta visão do que é o mundo, e como estamos resignados perante a força daquilo que é o natural. Mas este não será o único choque espiritual que arrebatará nossa personagem.

Pouco depois, ao retornar à casa, Márcia é abordada por dois capatazes

de uma fazenda vizinha, que procuram por um cavalo fugido. Trata-se de um corcel negro, selvagem. Em seguida, Márcia, passeando com Robertinho, topará com o animal, mas deixará claro ao filho que não pretende avisar ninguém sobre o paradeiro daquela criatura, que, imediatamente, torna-se um estandarte da liberdade e do desejo primitivo, buscados pela mulher aprisionada. Ao longo do filme, os capatazes ainda tentarão capturar o garanhão usando uma égua no cio. De fato, o animal aproxima-se e copula com a égua. É uma cena das mais intensas na obra de Khouri, porque a sequência fragmentada em cortes rápidos e planos próximos explicitam a cópula animal num misto de voracidade e beleza plástica. Tudo é observado por Márcia, que transborda seu desejo misturado a uma ânsia espelhada no cavalo, solto no mundo, livre para satisfazer as urgências do instinto.

Esta transferência tão bem articulada pela decupagem do filme se revela para além daquilo que vê o espectador e mais além daquilo que testemunha a personagem. A narrativa torna-se estagnada para que permaneça somente a contemplação estética sublimada, como nas palavras de Merleau-Ponty (2006, p. 340): “a estrutura estesiológica do corpo humano é, portanto, uma estrutura libidinal, a percepção de um modo de desejo, uma relação de ser e não de conhecimento”.

À parte o incômodo de tantos estímulos proporcionados por uma natureza hostil e alheia, Márcia e Robertinho ainda experimentarão um pouco da reconciliação do seio familiar com a chegada do pai, que traz um presente ao filho, uma câmera Super-8. Pela primeira vez, a família se entrega ao jogo lúdico e forja cenas ficcionais, filmadas pelo menino, que metaforicamente descobre as possibilidades do mundo exterior pelas lentes de um brinquedo, sem ter a menor ideia do que acontece nos bastidores dos pais. No entanto, o peso da verdade latente não deixará Márcia. Em certa sequência, a família encontra o corcel numa estrada e segue-o de carro, enquanto Roberto captura algumas tomadas do animal, sem notar o peso simbólico marchetado no semblante da esposa.

Finalmente, como não se é possível divorciar-se de uma realidade objetiva, a família retorna à cidade, às festas enfadonhas, aos amigos fúteis e à mentira de cada dia.

O eterno retorno

Passaram-se muito mais do que os dez minutos desde que

Márcia advertira Robertinho quanto ao adiantado da hora. Ao regressar à sala e encontrá-lo ainda entretido com o projetor Super-8, por um momento titubeia. Robertinho acaba de consertar o aparelho e convida sua mãe a assistir às cenas projetadas numa tela. São as cenas capturadas no campo, as cenas que remetem a um idílio interrompido.

As situações improvisadas em família e, claro, o corcel negro. Sempre o corcel negro, galopando feroz e indomável. A força da natureza barrada somente pelo cano da arma dos capatazes, que o haviam executado, quando o animal em fuga sofrera uma fratura na pata. O animal assassinado, a liberdade interrompida, o desejo abortado. Os olhos de Márcia mergulhados nas imagens de uma vida possível que não pode se espriar para além da tela de lembranças à sua frente.

A memória é a base da personalidade individual, assim como a tradição o é da personalidade coletiva de um povo. Vive-se na recordação e pela recordação, e nossa vida espiritual não é, no fundo, senão o esforço de nossa recordação por preservar, por tornar-se esperança, o esforço de nosso passado por tornar-se porvir (UNAMUNO, 1996, p. 8).

Via Miguel de Unamuno, temos a eterna tensão entre o reconhecimento da memória cristalizada na tela da

Acervo Família Khouri



Walter Hugo Khouri e Wilfred Khouri

lembrança e a verdade palpável do aqui e do agora. Enquanto Márcia entrega-se à sua própria vivência etérea do que já se deu, precisa assimilar o presente — árido e insosso — que a envolve no âmbito de seu próprio lar, com pessoas alienadas e desinteressantes. Por um átimo, ela revive o prazer nas imagens fugidias, como forma de suportar o tempo presente e recorrente.

Marcas autorais

O datiloscrito original do roteiro de *O corpo ardente* foi concebido como uma narrativa linear, em que os eventos a serem filmados são agrupados de acordo com a tradicional relação de causa e efeito. No entanto, há uma nota de Khouri apontando que a construção serviria apenas de guia para o processo de filmagem e que, na montagem final, a linearidade seria rompida, fazendo prevalecer o fluxo de

consciência da personagem central. Este é um processo muito comum observável no cinema autoral no qual o eixo sintagmático — para fazer uma analogia à prosa criativa — dilui-se gradativamente em favor das combinações possíveis a partir de um eixo paradigmático imaginário, a exemplo da estrutura própria do poema. Dessa maneira, o recorrente deslocamento de tempo e espaço e o desmantelamento de uma cronologia linear colocam a percepção do espectador em xeque, e ele precisará agir de acordo com seu próprio repertório. Ainda que guiado pela mão do realizador, em última instância, tal qual na poesia, o que prevalece é o efeito individual e inalienável, que se realiza na experiência fenomenológica de um “vidente-visível” — ou quiasma —, sistema fechado e íntimo entre o que se desvela e o que se depreende na opacidade do filme.

Khouri estudou Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) quando jovem, mas abandonou o curso ao se envolver com o cinema e frequentou os estúdios da Vera Cruz e da Maristela. Ali, encantou-se pelo ofício de diretor e logo foi trabalhar na TV Record, onde passou cerca de dois anos, aprendendo cada detalhe do complexo trabalho audiovisual. Seus primeiros longas, *O gigante de pedra* (1953), *Fronteiras do inferno* (1959) e *Na garganta do diabo* (1960), eram exercícios de um cinema de gênero, influenciados, ainda, pelo internacionalismo patente dos filmes paulistas feitos à época. Mesmo assim, em *Estranho encontro*, de 1955, Khouri se utiliza de um expressionismo marcante, influenciado por Bergman, e que já dava o tom do que seria sua

ADVOCACIA
CONSUMIDOR – CÍVEL – FAMÍLIA
CONTRATOS – TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
OAB/PR 48.641

AV. CÂNDIDO DE ABREU, 526, 1506-TORRE B
CENTRO CÍVICO, CURITIBA-PR

(41) 3039 1922 – (41) 984 405 050 – CONTATO@MEIRINHO.ABV.BR

Vagner Xavier

**NÓS SOMOS
INTERMINÁVEIS
COMO O MAR**

dhias



Cenas de *O corpo ardente*

marca autoral. Após a consolidação de uma carreira independente com *A ilha* (1961), *Noite vazia* (1964), *O corpo ardente* (1966) e o rebelde *As amorosas* (1968), o cineasta adentrou a década de 1970 potencializando seu hermetismo existencial com obras quase impenetráveis. É o caso de *As deusas* (1972), *O último êxtase* (1973) e *O desejo* (1975). São obras de difícil compreensão à primeira vista, mas que, uma vez assimiladas, exalam a força de um projeto único na trajetória do cinema nacional.

Mesmo exposto a exigências mercadológicas do ciclo das comédias eróticas que inundavam as salas de cinema, Khouri não abriu mão de sua estética e incorporou a nudez feminina aos seus trabalhos de tal forma que se tornou o cineasta que melhor soube expor a densidade e a dramaticidade da carne. A nudez recorrente em obras como *O prisioneiro do sexo* (1978) e *Eros, o deus do amor* (1981) existe na tela não para

provocar a excitação do espectador, mas para traduzir as contradições da alma expostas no corpo nu e no gozo melancólico.

Em 1982, envolveu-se no imbróglio que resultou no embargo de seu filme *Amor, estranho amor*. O filme, que ainda hoje causa controvérsia, foi mal interpretado e acusado de fazer apologia à pedofilia. De fato, trata-se de um drama histórico sobre os momentos que antecedem o golpe do Estado Novo. Graças à ação do tempo, recentemente a obra passou a ser vista com melhor apreciação até mesmo pela dona da ação judicial que proibiu sua circulação, Xuxa Meneghel. A atriz e apresentadora já reconheceu a beleza do filme e recomendou que as pessoas o vejam e constatem que se trata de um trabalho sério, que passa ao largo de uma provocação gratuita.

Não tem sido fácil tomar contato com a filmografia de Walter Hugo Khouri porque sua estética autoral não é exatamente um chamariz para o mercado de home vídeo — este, já agonizante há algum tempo —, mas ainda há aqueles que se esforçam para desvendar novos pontos de vista nessa cinematografia tão peculiar, quanto incômoda e instigante. Uma poética que oferece infindáveis aspectos a serem explorados.

Referências Bibliográficas:

- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- UNAMUNO, Miguel de. **Do sentimento trágico da vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

editora penalux

Editora **Penalux**
Porque livros iluminam

www.editorapenalux.com.br

originais@editorapenalux.com.br

Sérgio Pitaki
acupuntura
médica

Rua Padre Anchieta, 2050, 18o. and. conj. 1802. Champagnat - Curitiba - Paraná - CEP. 80730-000

Celular: (41) 99692-0070 - e-mail: sergiopitaki@gmail.com - Marcar consulta: doctoralia.com.br



Inferno astral: uma conversa exclusiva com o próprio Diabo

Publieditorial

O Diabo está exausto, mas não desanimado. Ele abriu seu flat – um deles – no Centro de Curitiba para receber a redação do **RelevO** (todas as quatro pessoas) para um bate-papo exclusivo. Em pauta, o agressivo *rebranding* pelo qual vem passando. O que mudou? “Tu-do. Mudei tudo”, relata em tom enfático. Ou melhor, desabafa. Um recorte daquela conversa de 11 horas – acelerado, o Diabo fala pra cacete – o leitor encontra em nossas páginas centrais.

PROBLEMAS

“Nunca foi Deus, sempre foi sorte. Mas, no momento, não há nem um nem outro”, afirma o Diabo, sem linhaça na língua. “Com a perda de espaço das religiões tradicionais, meu impacto também arrefeceu demais. Por isso contratei uma agência para cuidar desse *rebranding*. Antigamente, eu era o terror da gurizada; o sonho de qualquer moleque com personalidade. As freiras se irritavam comigo e isso instigava o pessoal mais atrevido”. Uma assessora interrompe – “não diga ‘gurizada’ ou ‘atrevido!’” – e volta a checar o iPad onde assistia a um canal no YouTube sobre dieta *low carb*. O Diabo estampa um semblante de “mandei mal” e ri: “a patroa fica irada”. Ela retoma o olhar novamente: “D., essa piada de ‘patroa’ não funciona”. Consternado, o Diabo busca a linha de raciocínio que havia perdido, emendando um pedido inusitado: “é até um apelo que eu faço com Deus. Pra ele me ajudar, sabe. Acho que é vantajoso pros dois. Se ele ganhar, eu também saio ganhando. É aquela parada da antítese. Porque, olha, vou te mandar a real... nego sai da igreja, mas continua otário. O que mais me f*d* são essas p*rr* de *coaching*: vou competir como?”. Dessa vez, é ele quem fuzila a assessora com o olhar. “Eu sei, eu sei, não é pra usar ‘nego’ de forma pejorativa”.

COMUNICAÇÃO

O Diabo e seus tantos heterônimos viraram apenas “D.”. “É *clean*, direto, global; nosso *logo* ficou fantástico”. Para D., é hora de se despedir de chamadas, chifres e tridentes, que dão lugar a uma letra retilínea e em cor de carbono. “O pessoal metaleiro ficou decepcionado, mas, sinceramente, que se f*d* o pessoal metaleiro. Obrigado pelo apoio; agora passar bem”. “Essa questão da comunicação pesou muito; foi revista do zero. Até por isso estou dialogando mais com veículos independentes, menores, irrisórios – com todo o respeito”. Polido, D. complementa: “Eu sinto falta do Dante; sinto falta do Milton. Já parou pra pensar que eu era o cara pra essa galera? Hoje ninguém dá a mínima pra mim, essa é a real. Não sou instagramável” – D. parece já ter incorporado com sucesso todo o vocabulário jovem. “Essa é a... *vibe*”. Quando o entrevistador mais novo balança a cabeça em sinal de positivo, o Diabo relaxa.

PROJETOS

Deles, D. está cheio. Café filosofal; *podcast*; criptomoeda própria, EAD, consultoria editorial, *counseling*. “Chegou a hora de tirar todo o atraso; sou o primeiro a admitir que dormi no ponto nessas últimas décadas”. O principal deles é o *app* de astrologia *DevilSky*, que oferece mapas astrais, assessoria em numerologia cabalística e o bom e velho horóscopo. “Com esse *app*, resgato alguma autoridade em uma demografia que tem esquecido de mim”. Também está programado o lançamento do “*Hellbinar: webinar do diabo*” na Livraria Cultura – “se eles não falirem, hahaha”. A assessora o repreende. “A gente precisa do *publi* deles, D.”. Cabisbaixo, emenda. “Isso de que cachorro velho não aprende truque novo é mito. É claro que sofro um pouco, mas gradativamente vou me adaptando à realidade atual. Só não me peça para jogar palavras *cruzadas*”, exige com um leve sorriso, evidenciando o quanto ensaiou para aplicar sua piadinha. Todos riem pelo esforço. O Diabo sorri, mas continua preocupado.

MODA

Vestir Prada? Sem condições. Hoje o Diabo veste cáqui. Alpargatas Toms e óculos Warby Parker complementam o *look* cujo estandarte é básico: uma camiseta com a estampa “RANÇO”. “Não sei o que isso quer dizer”, ele confessa, e alguns minutos depois, como que digerindo a conclusão tardia, a cobre com um casaco dos anos 1990 duas vezes maior que seu dorso. Seu cabelo, desfiado como um porco morto e sujo como um porco vivo, tem recebido elogios. “Cortei sozinho”, D. admite, talvez emanando uma nota de orgulho. Ele nos oferece uma cumbuca com agrião e aspargo: “não contei que virei vegetariano?”. “Essa tigela, digo cumbuca, é feita por um grupo de artesanato lá de Botucatu”.

O FUTURO A D. PERTENCE

Após as intensas 11 horas de diálogo, o Diabo se mostra apreensivo. “E aí, como fui? Vocês gostaram?”. A assessora – que a essa altura já havia dormido em casa e retornado – comunica que ele logo terá uma *call* com a cervejaria local Wild Beasts, a qual lançará a primeira IPA com cheiro de enxofre do mundo. “Com a minha bênção”, brinca D. Em seguida, ele voará para São Paulo para ministrar uma palestra sobre *storytelling* num popular *coworking* da Vila Madalena. Como o Diabo faz para manter esse ritmo? “Cocaína, oras. Cês tavam esperando o quê? Aqui o negócio é c*, c*; pó, pó”. Ao sinal de bronca da assessora, D. literalmente muda de cor – sua pele enrubesce, ao passo que suas escleras se tornam pretas como o apocalipse – e vocifera um terrível grito primal capaz de assustar qualquer exorcista. Ele então expele uma bola de fogo com as mãos. O coque do cabelo inflama e sua roupa rasga conforme asas colossais surgem de suas costas. A publicitária é levada à parede – que treme – e cai inconsciente. “Vocês me desculpem. Ela vai ficar bem, não se preocupem”. Diante do sepulcral silêncio – a essa altura, dois integrantes do **Relevo** vão ao banheiro para verificar se conseguiram controlar o esfíncter diante do maior susto de suas vidas –, D. complementa: “vou preparar um chá de valeriana; vocês querem?”.



POEMAS DA MEIA NOITE (E DO MEIO-DIA)

WILLIAM SOARES DOS SANTOS
ED. MOINHOS

Quando os “Poemas da meia noite (e do meio-dia)” chegaram até nós, imaginamos que entrávamos imediatamente num universo com uma circularidade particular. A começar pela imagem de capa, pintada originalmente em aquarela pelo autor, mostra duas esferas levemente interseccionadas, articulando uma dimensão “cheia” e outra “vazia”, prontas a se eclipsar uma na outra e abrir a dimensão estética da leitura como num clarão.

William assume estrofes que exaltam a beleza de poder romper com o ritmo vital linear; a vida pode andar em esferas nas quais podemos cair em segurança. O poema mostra que noite e dia, luz e escuridão, não é mais do que uma percepção que temos do movimento que estamos fazendo: Só há sol / em intervalos / de sistemas / que dançam.

Os poemas nos conduzem por um caminho que vai da totalidade à ruptura. Aos poucos, vemos que a circularidade que pensávamos adentrar jamais é completamente pacífica na literatura. Alguns “ecos íntimos” trazem claras referências às influências literárias do autor, que vão desde Manuel de Barros a Stéphane Mallarmé. Assim, encerra-se o trabalho cíclico do poeta, que, de sol a sol, passa pelo meio-dia e pela meia-noite a apanhar a poesia do universo em um movimento infinito de abertura de si.

Morgana Rech & Tânia Ardito

Lapso

Mariana Salomão Carrara

Você era menina e a estria era a culpa, a culpa pelo seu excesso, sua avidez, a pele alheia às suas elasticidades. Você era menina e entre as coxas apareceram duas estrias, uma em cada perna. Vermelhas e fortes.

A estria em dois rasgos feito valetas imundas entre as pernas, pernas que você menina ainda não abria, e achou que nunca fosse abrir porque a estria era uma fenda maior e mais evidente. A estria erodindo em sulcos por onde escoariam as suas inúmeras falhas estéticas feito o caldo da cidade pelas valas e, a partir daí, você era um fosso, uma greta abjeta em que o tempo se cravaria impiedoso em rastros sórdidos.

Era menina e ainda não era hora para as estrias e aquelas duas justo ali onde você era mais íntima, você que era inteira aquela incisão, a agudeza do corte preciso espiralado escamoso, feito uma fera tivesse fincado as unhas fundo na carne, e doía mais ainda por não arder, você merecia que ardesse, queimasse, uma ferida assim tão morta prometia outros tipos de dores, as mais terríveis.

Você era menina e apertava suas coxas na esperança de estreitar as estrias, unir as margens até estancar o lodaçal que escorria pelas calhas, as estrias afundando em depressões e saliências. Cobria o estigma em saias mais longas, verões escondidos, o vermelho explícito apertado entre as pernas. Você menina percorria obsessiva o caminho com a ponta

do dedo, arava a estria em contornos obstinados feito pudesse apagar ou borrar ou ensinar à pele meandros mais discretos, que não desenhassem duas lanças que se armariam imponentes quando abertas as pernas, como você queria extirpar essa farpa! Como era difícil ser menina e ostentar desde já o vexame da decrepitude.

Você menina não sabia que, quanto mais olhava e espremia, mais a estria se dobrava por dentro em calos de perdas, demoras, vazamentos de você por valas que nem via. Quanto mais você lamentava, mais a pele se encarquilhava por dentro, engolindo seu tempo entre os vincos.

Você já não tão menina se lembra da estria entre as pernas feito lembrasse um primeiro amor equivocado e risível, as duas marcas hoje embranquecidas e discretas no meio da sua inabalada indiscrição, um milhão de outras estrias abertas escancaradas, abertas também as pernas e tudo o mais, você inteira embebida em falhas, perpassada de fios, vestígios de outras peles, os dias chegam intragáveis ou gloriosos e nada lembra suas sinuosidades, suas estrias já brancas, seu nácar, registro das alegrias serpentinando peroladas nas suas coxas quentes dentro das saias.

Não dói a marca do tempo, dói o tempo que você não marcou, e o tempo que passou sem marcar você. O que não estria é lapso.

O Método Feynman

Diana Joucovski

Richard Phillips Feynman foi um físico norte-americano que, por apreciar sua didática, eu levei até minha casa para ensinar minha mãe sobre realidade e fantasia, numa tarde ensolarada de sábado. Feynman tinha a filosofia de que, para aprender algo, é só simplificar a ponto de ensinar a uma criança, e minha mãe, naquela altura, havia se tornado a criança que só um método como o dele poderia fazê-la compreender um pouco sobre como as coisas eram ou são no mundo real. Minha mãe sempre gostou de si mesma, mas nunca gostou muito de existir. Ela também não gostava que as pessoas que ela amava existissem como tudo existe; penso eu que se ela pudesse nos desembrulharia de nossos corpos e enfiaria nossas almas pelo ouvido para que vivêssemos junto

com ela em sua mente. Por um lado muito específico, num canto oblíquo dentro de mim, eu a compreendo, pois eu mesma tenho fé em sonhos particulares tão grandiosos que poderiam ter sido produzidos por uma loucura hereditária. O rapazinho de 15 convicto de que sua banda vai estourar, o auxiliar de marketing acreditando que vai virar CEO só porque leu Os Segredos da Mente Milionária, minha colega impulsionando as próprias publicações com a crença de que em três meses estará vivendo de “mimos”, a diferença entre nossos sonhos e os sonhos da minha mãe é que ela sempre teve a coragem de me contar e me persuadir em seus absurdos. Também a exceção de que ela, minha mãe, não acredita em nada que é palpável — tem sua própria lógica e

sua própria ciência, a não ser quando se trata da Bíblia — e em tudo que é intangível. Ela acredita em Deus na mesma medida em que acredita no pai falecido, ou acredita no pai na mesma medida em que acredita em Deus. E só. Feynman passou duas horas conversando com minha mãe naquele sábado, eu os observava no quintal pela janela da sala e de tempo em tempo os oferecia chá de hortelã com cubinhos de açúcar, ansiosa de tal maneira que tilintava a colher na xícara freneticamente. Eu só conseguia rezar em tríplice: faça ela entender que não ficou rica de um dia para outro. Que não há dinheiro algum a ser depositado para ela. Que seu nome não está em todos os jornais. Faça ela entender que não ficou rica de um dia para

outro. Que não há dinheiro algum a ser depositado para ela. Que seu nome não está em todos os jornais. E finalmente minha mãe, calma, com um sorriso que, se eu pudesse apostar, diria ser de encantamento pela pessoa que acabara de conhecer, adentrou a sala e pegou a xícara de mim, me olhando nos olhos como faz quando precisa dizer ou agir com seriedade. Quem sabe pelo nervosismo, esperei que ela fosse me dar uma prévia sobre como foi o encontro, ao que Richard Feynman, por educação, viesse se despedir de mim. O físico, decerto traumatizado pelos pensamentos dela, não retornou, enquanto a única ação de minha mãe foi trazer comprimidos e passar a mão na minha cabeça, devagar, terna e, como sempre, atenciosamente.



FISK
CENTRO DE ENSINO
3642-3690 3031-7040
R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

livros | vinis



Joaquim
Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51
Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria

Sabonete Phebo: O último resquício de civilização em um mundo de barbárie

Testamos o sabonete Phebo e tiramos algumas conclusões sobre o produto.

Vinicius Perez

O homem ao meio da selvageria apegar-se ao último sinal de refinamento como uma criança apertada contra o peito seu bichinho de pelúcia favorito. Na mão do homem, bem guardado pelos dedos cerrados, repousa um sabonete Phebo. Sem dúvida, a magnum opus da Granado Pharmacia, empresa responsável pelo sabonete, entre dezenas de produtos, o Phebo é uma joia rara no comércio brasileiro. Sua linha mediterrânea (“Figo da Turquia”, “Tuberosa do Egito”, “Alfazema Provençal”, “Cedro do Marrocos” e “Limão Siciliano”) transcende a responsabilidade com a higiene pessoal do corpo, da virilha, do bumbum e atrás da orelha. Os sabonetes Phebo são uma viagem no tempo, são o cheiro de avós, uma homenagem à tradição. O tipo de sabão que ultrapassa a pele e limpa até a alma.

Eu não vou julgar se, na intimidade do box embaçado, você abrir a boca e morder o Phebo. Morde, vai.

Mastiga. Sob efeito do Phebo, você se transporta dessa miséria, do aluguel, dos boletos de contas empilhados em cima da escrivaninha (cheia de adesivos de marcas de skate) que você tem desde os 14 anos. Sob efeito de Phebo, você vira um barão balonista voando pelos ares cantarolando uma melodia do Rimsky-Korsakov. Só a caixinha dos sabonetes Phebo já é mais elegante e sofisticada do que a maioria dos itens de decoração das nossas casas.

Disco de vinil na parede é o equivalente decorativo do blazer com camiseta de cultura pop, um equívoco assustadoramente popular que deixa seu quarto com cara de bar de rock do interior. Outro cenário recorrente: alguém critica Romero Britto e você pensa “caraio, que artista de altíssimo calibre intelectual essa pessoa gosta? Rothko? J.M.W. Turner?” e aí descobre que ela coleciona toy art, boneco, bonecrinho, hominho. A arte em E.V.A.,

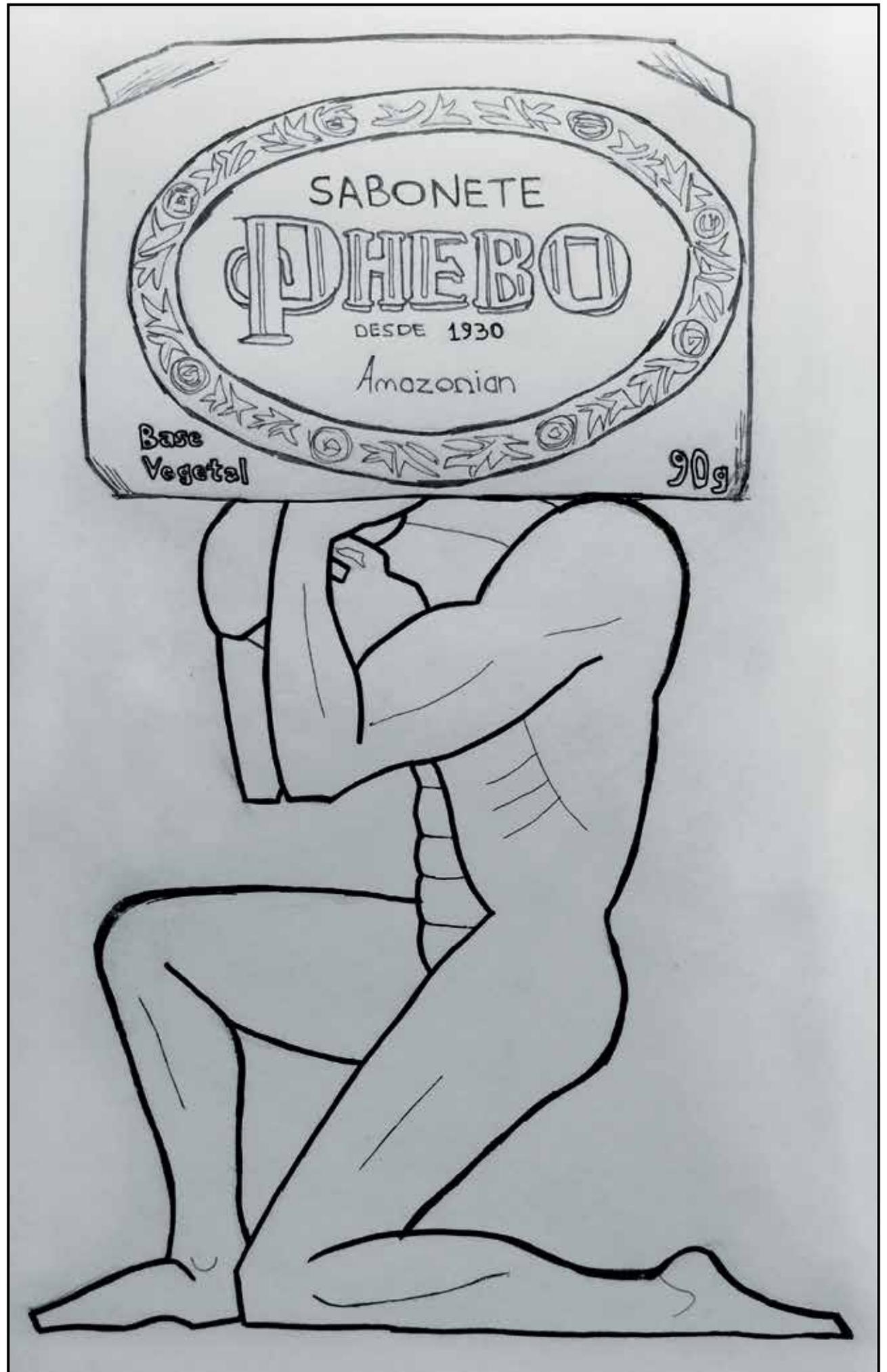
mesmo feia, é a menos pior das três, pois já estimulava o lado criativo da sua tia-avó anos antes da popularização do livro para colorir de adultos. O fato é que E.V.A., disco de vinil ou toy art: nada chega perto da elegância tradicional da embalagem do sabonete Phebo.

Talvez seja a classe média impregnada no meu sangue, mas Ph com som de F é a coisa mais chic que existe, ainda mais com essa fonte. E a ilustração botânica? O obsoleto ofício que uniu a ciência e a arte repousa agora lindo e melancólico em uma caixa de sabonete.

O produto de 100g custa 3,50 reais e dura entre duas semanas e um mês, um mês e meio, dependendo do seu comprometimento com a higiene. O preço é um pouco acima da média do mercado, mas vale completamente. Qual suas outras opções? O exagero clean do sabonete Dove? A funcionalidade sem charme do Protex?

Mas, para o Phebo ser considerado um real agente da civilização, ele não deveria oferecer algo além do que más línguas reduziriam apenas a “um cheirinho de gente velha”? Pois ele oferece. O crescimento desenfreado da população é a principal ameaça ecológica e econômica dos nossos tempos, uma bomba populacional que explode gradualmente e vai eliminando os recursos do planeta enquanto desencadeia uma variedade de catástrofes climáticas. O Phebo é a solução.

A média do tempo de banho recomendado por autoridades em racionamento é 5 minutos. 5 minutos é inviável para ter a viagem astral consequente do Phebo. Phebo não é sobre cheirar bem, sobre ficar limpo. É sobre a experiência. Mas você não quer ser um colaborador na destruição da Terra. O que fazer? Deixar de ter filhos para poder tomar banhos mais longos na companhia do Phebo.



O cálculo

Uma pessoa gasta 12 litros a cada 2 minutos de banho. 2.400 litros por mês. A média de gasto numa vida é 2.160.000,00 milhões de litros d'água. Se você não tiver filhos, você instantaneamente ganha 360 mil minutos extras para tomar banhos longos sem culpa, sem remorso, entregue ao Phebo, dignificando sua existência. Eu abriria mão de um filho por mais tempo com o Phebo. Eu tenho certeza que você também. Alexander Fleming ganhou um Prêmio Nobel em 1945 pela descoberta da penicilina, diminuindo a mortalidade em 300%, sendo, de certo modo, responsável pelo boom populacional e pela crise hídrica em que vivemos. Quantos Nobel os sabonetes Phebo merecem por solucioná-la?

O Mestre da Mandala Secreta

Leonardo Stockler

Os ritos da cerimônia denominada A Infinita Destruição e Conceção dos Mundos, já praticada pelos monges budistas tibetanos há mais ou menos seis séculos, ainda se encontram envoltos num manto de mistério e alegoria para a maior parte dos ocidentais.

Tendo se originado na porção oeste do Tibete, os ritos sobreviveram à disputa entre as distintas seitas que conviviam na região, ao final do século 16, e foram devidamente lapidados pelos seus continuadores, os membros da Escola Gelug, e discípulos de Tsongkhapa. Mais tarde, sobreviveram também ao ateísmo do Partido Comunista Chinês e foram acolhidos no Nepal, onde, desde então, a cerimônia tem acontecido.

Os procedimentos são secretos, e apenas os monges mais graduados estão admitidos na cerimônia. A data é escolhida durante a primavera e acontece na primeira lua cheia da estação, sendo precedida por um jejum de três dias, durante os quais os participantes permanecem reclusos, sem a autorização de deixarem o monastério.

A meditação é sempre conduzida pelo monge cuja técnica e perícia excedam a dos demais na arte de sonhar. Assim, diz-se que, na verdade, o ritual tem início antes mesmo da data estabelecida. Nas proximidades da época, ele já dirige seus sonhos na direção desejada, passando então a idear a mandala que deverá ser projetada durante a cerimônia, e ocasionalmente, sua figura imiscui-se

nos outros sonhos de seus colegas e irmãos de fé. Como consequência, nas horas em que decorrem as meditações finais o que se nota é um estranho clima de correspondências. A comunicação entre monges é elevada a outro patamar. A linguagem alcança outros sentidos e, não seria arriscado dizer, um certo tipo de telepatia os guia pelo restante da cerimônia.

Também aproveitam estes momentos para fazer música, em sessões espontâneas de improviso que começam e terminam de uma hora para outra. A graça atingida durante o período é mesmo tão sutil que o monastério encontra aí as razões para reservar a cerimônia a uns poucos membros.

Tal estado de coisas não é acidental. A intenção d'A Infinita Destruição e Conceção dos Mundos é que os monges alcancem em conjunto uma mandala especial que deverá ser então desenhada e depois destruída. Para tanto, todos devem estar na mesma sintonia.

Os que chegaram a visualizar a mandala descrevem-na da seguinte forma: no centro do triquiliocosmo há um palácio, no alto do Monte Sumeru, a montanha de cinco picos ao redor da qual transita o universo. Duas deidades, uma ao lado da outra, estão a imaginar os infinitos universos possíveis e impossíveis pelos quais emanam os corpos búdicos. Do lado esquerdo, uma divindade furiosa, com o rosto vermelho, os caninos ferozes bem visíveis, e as narinas protuberantes. Em suas mãos, espadas.

Sua natureza é imaginar, em meio aos imensos desertos de esterilidade do cosmo, um milhão de mundos indesejáveis e então destruí-los. Nestes mundos indesejáveis tomam lugar as danças cósmicas, os repetitivos reinos de angústia e desejo onde vivem as almas famintas, e os ecossistemas em que as espécies desconhecem as leis cármicas e estão condenadas aos sentidos primários, à fome, ao frio e ao calor, à morte, e ao sofrimento.

Ao seu lado, há a figura de uma divindade pacífica. Ela tem os olhos fechados e as mãos imitando os gestos de Buda: na mão direita, a ponderação, na mão esquerda, a generosidade. Sua tranquilidade esconde um enorme esforço, porque sua natureza consiste em imaginar um único mundo desejável, e então realizá-lo. Neste único mundo desejável, o que encontramos é a compaixão, a humildade, a bem-aventurança, o amor, e a beleza imperecível da eternidade.

A lição ensinada por estas duas deidades é simples: porque o Bem caminha em direção à unidade, e o Mal tem seu império na multiplicidade, o trabalho para se imaginar um mundo bom é o mesmo exigido para imaginar um milhão de mundos ruins. Interessados em celebrar a glória das visões que logram alcançar na meditação, alguns monges também se referem à cerimônia por outros nomes, como a Abundância da Criação Constante,

a Louvável Variedade dos Atributos da Natureza e o Fecundo Bosque das Sementes Planetárias.

Nas regiões laterais e angulares da mandala, constam esses tantos mundos ao mesmo tempo imaginários e reais, escondidos e distribuídos pelo corpo, no topo da testa, no centro do peito, nas pontas dos dedos de cada mão, no baixo-ventre, e até mesmo nas solas dos pés. As alterações na respiração, durante as horas meditativas, eliminam muitos mundos a cada vez.

Assim são levados a visitar os infinitos planos pensados pela Consciência Suprema, dentro dos quais uma variedade sem fim de existências decorrem paralelas a esta em que se encontram, separadas dela por frações de tempo e espaço, escondidas nas camadas da mente, encantoadas nos escusos ou então proeminentes ângulos de suas mandalas. De olhos fechados, observam dentro de si a grandiosidade desta suprema consciência que é capaz de cogitar o infinito de uma só vez — os universos sem forma e aqueles que têm forma. A beleza disso tudo está justamente em compreender os limites da mente humana, onde a imaginação ainda se encontra condicionada à estreiteza de sua percepção.

Cada monge encontra um exemplar de si mesmo em todas estas existências, e nos seus duplos têm a oportunidade de contemplarem a impermanência, as leis causais de ação e efeito sobre o carma antes mesmo de agirem, e a roda

da vida estendida por sequências vertiginosas de reencarnação.

A última meditação da cerimônia ocorre no horário crepuscular, porque, segundo os iniciados, é o momento em que se torna mais visível a fresta entre os mundos. No salão central queimam incenso e entoam uma sequência de mantras específica. Sentados em posição de lótus, agradecem aos astros, à infinita inteligência e generosidade do Buda, respirando com gravidade e ritmo.

O mestre, aquele que é o mais talentoso na arte dos sonhos, veste uma máscara que lhe servirá de proteção e cujo rosto imita a face assustadora das divindades furiosas. O intuito da máscara, à semelhança das poderosas divindades que imita, é golpear e banir para longe as assombrações que atormentam os seres ainda vulneráveis a elas. Enquanto medita, o monge parece levitar a dois palmos do chão. Ao entrar e sair de tantos mundos estranhos ao seu, deve tomar cuidado para não sujeitar-se aos sentimentos de desejo e aversão, e evitar, com isso, arruinar toda a cerimônia com a intranquilidade de sua respiração.

Há quem acredite que a existência do Universo como um todo esteja assegurada por essa classe de indivíduos que têm como função imaginá-lo continuamente. Não são poucos os ecos que esta crença encontra em culturas diferentes, onde é transferida aos seres divinos a responsabilidade pela preservação do mundo dos sentidos. Por este caminho, alguns também são levados a crer que certas entidades moradoras da Cordilheira do Himalaia têm como função garantir a paz e a harmonia do reino terrestre e que, sem elas, todas as gentes em todos os lugares sucumbiriam ao caos e à violência.

O próprio mundo em que vivemos, e no qual está incluído o monastério e os monges que o imaginam, já foi por sua vez cogitado em todos os seus detalhes e conflitos por um monge tibetano, e toda nossa vida, a vida dos animais e os belos e riquíssimos reinos presentes naquela natureza que nos cerca, tudo isso existe na brevidade de um segundo em que alguma divindade inspira ou exala — assim vamos do incriado ao criado, e vice-versa.

Ao leitor deste relato caberá localizar em seus tantos mundos imaginários, suspensos em hipóteses e expectativas, alguma existência real desejável, ou, então, nos muitos mundos reais e indesejáveis de cada dia, nos intervalos das horas fastidiosas e cheias de ansiedade, um outro universo mais real que este, onde as coisas com as quais interagimos não estejam revestidas pela ilusão.

Alberto Bresciani

Instinto

Sim, tudo insiste e continua,
as coisas são as mesmas
as palavras, iguais,
porque o mundo dos homens
não sabe a metamorfose,
mesmo que, por dentro,
tudo ressoe, o eco vá e volte
pela cicatriz aberta na boca

Sempre estão atrás de nós,
o animal invisível está por emboscar,
a pausa de terror, o ritual de ácido
estirando os músculos,
alimentando essa coisa
que sobrevoa e se eclipsa
e volta, membro amputado

Os panos negros sobre o corpo,
folhas secas sobre os cabelos,
e ainda assim nos arrastamos à luz,
com medo, com medo:
mais dois metros
e as tartarugas se salvarão
O mar bem ao lado.

Poema integrante de *Fundamentos de Ventilação e Apneia*, Editora Patuá, 2019.

Marco Aurélio de Souza

[um poema para Alberto Lins Caldas]

Alberto Lins Caldas escrevia poemas
Desde sempre desde que era
Alberto Lins Caldas
E para cada poema
Criava personagens que se pareciam
Com as pessoas de nossa cidade
Do lugar em que Alberto e tantos outros
Da cidade em que a gente vivia

No início todos nós gostávamos
Dos seus poemas dos seus
Personagens parecidos com
A gente de nossa cidade
Julgando que ali algum talento
Alguma criatividade para fábulas
Rompia a noite e o silêncio
Para nos entreter
A nós que parecíamos algo assim
Seus personagens
Mas os nomes eram sempre
Outros e tão esquisitos
Que não poderiam ser de gente
Assim tão média assim tão banal
Assim tão bruta como nós desta cidade

Só que os seus poemas não
Paravam nunca
E os nomes se multiplicavam
Com a energia espantosa
De um pistoleiro querendo impressionar

Até que um dia Alberto usou
O nome de um sujeito nosso amigo
E todos nós achamos aquilo
Um despeito uma punhalada
Uma intolerável traição
A toda a gente desta cidade

Advertimos o vizinho pela falta
Mas depois inda vieram muitos outros
Poemas e os nomes batiam
Sempre com os nossos
Ao que passamos a suspeitar
Que Alberto Lins Caldas não criava
Personagens
Mas sim nos usava sim
E cada dia mais
Tornando-se por isso o alvo
De nosso ódio mais profundo & sincero

Já quase não havia quem
Na cidade não tivesse o seu nome
Estampado em um poema
De Alberto Lins Caldas
De modo que passamos a ignorá-lo
Como louco como vagau como senil
Um doido querendo chamar
Nossa atenção
Mas Alberto continuou
A escrever seus poemas com os nomes
Da gente de nossa cidade
E por isso precisamos tirar dele
Seus cadernos suas canetas
O seu lápis o seu papel

Mantendo o louco dentro
De um antigo poço
Há muito desativado

Estabelecemos a divisão das tarefas
: cada dia um vizinho diferente
Levando um prato de comida
Ao poço onde vivia
Alberto Lins Caldas
Que continuou escrevendo
Seus odiosos poemas
Com merda com sangue
Com o pus de suas feridas
Usando sempre os nomes
Os malditos nomes
De cada um de nós
Os habitantes desta cidade

De modo que não tivemos outra escolha
Que não fosse abandoná-lo ali
Dentro do poço com a sua arrogância
Insuportável
Até que a morte o encontrasse
Dentro do breu de sua alcova
E finalmente pudéssemos ler
Seu último poema
O poema infecto o poema asqueroso
O poema repugnante e que usava
O nome que agora
É meu e de tantos outros
O nome de todos os que vivem
Aqui nesta cidade o nome
De Alberto Lins Caldas afinal



TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES
DOS SANTOS

ED. PATUÁ

"Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, "sem pano para esfinge,/sem sombra alheia". Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que "a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços"."

Adriano Espínola

Meu amigo Roller Coaster

Douglas Lobo

Deixem que eu lhes conte do meu amigo Roller Coaster.

Claro, começo pelo nome. *Roller coaster* é a palavra em inglês para “montanha-russa”. Mas, no caso de meu amigo, ela tem outro sentido. Na verdade, não é o nome dele. É um apelido que ele escolheu para si. A opção por essa palavra, me disse o próprio, foi porque ela remete, de modo onomatopaico (meu amigo tem uma fina sensibilidade literária), ao inseto conhecido popularmente como rola-bosta.

Trata-se do escaravelho. Tem esse apelido porque é comum vê-lo transportando fezes sólidas, de bois, cavalos, carneiros etc. O movimento dele, aliás, lembra realmente uma montanha-russa: ele vai rolando as fezes, e muitas vezes elas caem encosta abaixo; mas o intrépido rola-bosta sempre as alcança de novo.

Escolher como apelido o nome de um inseto exótico assim é esquisito, mesmo para um *hipster*, como meu amigo. Quando lhe perguntei o porquê, ele me explicou: o rola-bosta ajuda na preservação do solo. Isso mesmo, esse pequeno inseto, quem diria, tem um papel ecológico.

Esqueci de dizer que meu amigo Roller Coaster, como todo *hipster*,

não mede esforços para impedir o aquecimento global. Prega a favor de uma sociedade sem consumo de carnes — afinal, o gado precisa de muita área verde para pastar. Defende as energias renováveis. Assiste ao documentário do Al Gore toda semana. Afinal, nenhum *hipster* (ou rola-bosta) que se preze irá jamais se omitir da missão de salvar nosso planeta.

Curiosamente, meu amigo Roller Coaster vive em churrascarias de rodízio. E dirige um carro a gasolina. Um daqueles grandes, que consomem muito combustível, mas impressionam as mulheres.

Algum desavisado o chamará de hipócrita. Eu, no entanto, sei a verdade: meu amigo é humilde demais para tentar se sobrepor aos que, desprovidos da mesma sabedoria que ele, continuam, dia a dia, a destruir nosso planeta. Ele sabe que é preciso ser tolerante com as limitações alheias. Assim, força-se a viver como os demais, numa tentativa de compreendê-los, estimá-los, olhá-los em um mesmo nível, e não acima — tocante exercício de empatia que somente aumenta minha já grandiosa admiração por ele.

Que meu amigo, apesar dessa humildade, seja superior aos elementos

médios da espécie humana, tive-o prova quando ele resolveu, em definitivo, a polêmica que até então dividia a comunidade científica: a de saber se o aquecimento global é causado, ou não, por ação humana. De fato, essa polêmica continua — mas apenas porque os cientistas são arrogantes demais para consultar meu amigo Roller Coaster. Tivessem-no feito, e ele lhes diria, sem um momento sequer de hesitação, que o aquecimento global é causado, sim, por ação humana. E quem diz o contrário, acrescentaria, é um imbecil.

Um dia eu perguntei a meu amigo Roller Coaster como ele, um publicitário, tinha conseguido resolver de uma vez por todas uma questão científica tão complexa. Estranhamente, ele mudou de assunto. Creio que meu amigo seja generoso demais para me mostrar uma cultura científica que, de tão vasta, e ainda mais conquistada de maneira autodidata, certamente me humilharia.

Por mais que eu odeie admitir, eu o invejo. Por sua cultura científica. E mais ainda por sua bravura moral, da qual agora faço questão de ressaltar. Quantos ecologistas conseguem, engolindo seus escrúpulos, penetrar no campo adversário — como meu

amigo fez? Ele, que não só trabalha em uma empresa de mineração, mas tem lá um cargo de chefia? Ele, que em nome de um bem maior — a presença estratégica no campo inimigo —, aceita o fardo de trabalhar, dia a dia, contra suas próprias convicções?

Imagino o quanto meu amigo sofre, todo fim de mês, quando cai em sua conta bancária o salário ganho às custas da destruição do solo — o mesmo solo pelo qual ele e o rola-bosta tanto lutam. O quão sujo ele não deve se sentir quando usa esse dinheiro para pagar o aluguel de sua cobertura na Lagoa Rodrigo de Freitas, ou a viagem anual ao exterior, ou os apetrechos da bicicleta importada? Essa tristeza, essa angústia deve consumi-lo tanto que nenhum de nós pode criticá-lo por se entregar aos vinhos (entregues por um clube de assinatura), ao uísque, às mobílias caras, à comida *gourmet*. A vida de meu amigo não é fácil, quem sou eu (ou você, leitor) para julgar alguém que tanto se sacrifica pela humanidade?

De minha parte, apenas posso admirar meu amigo Roller Coaster. Assim como o inseto que lhe dá o apelido, ele aceita com hedonismo o fardo de rolar, dia após dia, a bosta dos outros.

CASA

5 anos!

- Agenciamento Literário
- Leitura Crítica de Originais
- Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros

casaprojetosliterarios.com.br

@casaprojetosliterarios

Josué Ferreira

Martinho da Vila

Texto integrante de *2018 – Crônicas de um ano atípico*, Editora Kapulana, 2019

Reza a lenda que uns caçadores bibrarrensenses se embrenharam em uma floresta antes do sol partir e saíram procurando pegadas de alguma caça para um almoço de domingo. Não eram compulsivos. Caçador compulsivo é o que tem prazer em matar animais, sem dispensar nem os em extinção. Encontraram marcas de pés de animais, arrearam as tralhas junto a uma árvore onde iam acoiatar acocorados em silêncio.

Antes do anoitecer, ouviram um barulhinho de algo se movimentando e viram um vulto. Um deles se preparou para atirar e o outro disse baixinho:

– Não atire! Parece que é um menino.

Era um curumim e resolveram pegá-lo. Correram um para um lado e outros para outro, cercaram, agarraram-no e o laçaram com uma corda. O indiozinho lutou muito, mas foi imobilizado, amarrado e levado para a casa de um dos caçadores, onde foi criado.

Ganhou na pia batismal o nome Martinho José e no cartório foi registrado com o sobrenome Ferreira. Passou a ser tratado como membro daquela família.

Presume-se que, de início, foi mantido sob vigília para não fugir, mas adaptou-se. Prestativo, ajudava nos serviços domésticos. Crescido, casou-se com Procópia, uma negra filha de africanos traficados para o Brasil. Tiveram dois filhos, um deles batizado Josué, graça bíblica do livro “Êxodo”.

Estudos religiosos ensinam que Josué subiu o Monte Sinai com Moisés quando o profeta recebeu os Dez Mandamentos da Lei de Deus, e aprendeu com ele a ser um bom líder, corajoso e com muita fé em Deus. Conduziu o povo de Israel à “Terra Prometida” e dividiu Canaã entre as doze tribos.

Josué, casou-se com a negra Tereza, aquela que teve sua história familiar escrita no livro *Memórias Póstumas de Tereza de Jesus*. Tiveram cinco filhos cafuzos — Elza, Deuzina, Martinho, Nélia e Maria José. Ao se referirem a ele, orgulhosamente o chamavam de vovô índio.

Três das irmãs já estão em outro plano, Elza vive, graças a Deus.

No Dia dos Avós, 26 de julho, os netos meditam sempre sobre a vovó Procópia e o vô Martinho. No Dia dos Pais, a imagem dele veio à mente com o pensamento voltado para ele, ao receber mensagens dos filhos, em um vídeo organizado pela Cléo:

Alegria: “Papito amôoo! Feliz Dia dos Pais! Te amoooo!”

Analimar: “Feliz Dia dos Pais! Pra você, tudo de bom que há. Muita saúde, muito amor, muito som e muita luz.”

Juliana: “Papitooo! Te amo. Beijo.”

Maíra: “Oi, pai! Tô aqui com a Zambi, sua netinha, pra te desejar... Feliz Dia dos Pais!”

Mart'nália: “Feliz Dia dos Paaais! Beiju, beiju, beiju. Que o seu dia

seja lindo.”

Tonho: “Martinho da Vila criado na Boca do Mato. Bonne Fetes Des Peres.”

Tunico: “Te amo, paizão. Sua bênção. Muito Axé! Beijo.”

Preto: “Alô, pai! Tenha um feliz Dia dos Pais! Te amo.”

Que emocionante!

Com as mensagens veio a autocrítica por nunca ter saudado o pai Josué no seu dia. Não se penitenciou porque lembrou-se que, no tempo dele,

não havia sido estipulado o segundo domingo de agosto como Dia dos Pais, o que só aconteceu em 1953. Pai Josué já estava no céu. Que Deus o guarde.

Se fosse possível, gravaria uma mensagem e mandaria para o infinito um vídeo dizendo:

Pai querido, sou-lhe grato por existir, por ter sido alfabetizado pelo senhor e por ser seu herdeiro musical. E cantaria um trecho da música “Linha do ão”:

*O meu pai era colono e meheiro muito bom
Calangueava a noite inteira
Não perdia verso não*



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com



acontece nos livros
um canal dedicado à literatura
whisner fraga

Inscreva-se e mergulhe no universo literário.

zagreusw

f acontecenoslivos i noslivros e acontecenoslivos@gmail.com

Maurice Blanchot (em *O livro por vir*)

Sobre o uso difícil da crítica. O crítico quase não lê. Não é sempre por falta de tempo; mas não pode ler porque só pensa em escrever, e se simplifica, às vezes complicando, se louva, se condena, se ele se livra apressadamente da simplicidade do livro, substituindo-a pela retidão de um julgamento ou pela afirmação benevolente de sua rica compreensão, é que a impaciência o empurra; é que, não podendo ler um livro, precisa não ter lido vinte, trinta ou

muitos mais, e que nessa não-leitura inumerável, que por um lado o absorve, por outro o negligencia, convidando-o a passar cada vez mais depressa de um livro a outro, de um livro que ele não lê a outro que pensa já ter lido, a fim de chegar ao momento em que, não tendo lido nada de todos os livros, topará talvez com ele mesmo, na desocupação que lhe permitirá enfim começar a ler; isso se já não tiver, há muito tempo, se tornado por sua vez um autor.

